

Os silenciamentos e imagens do outro: reflexões sobre o programa Momento Saúde¹

Andréa Pinheiro²

Aluna do Mestrado em Educação Brasileira da UFC

Resumo

A Rádio Comunitária Edson Queiroz, no bairro do Dendê, veicula semanalmente programas de rádio produzidos por estudantes de enfermagem da Universidade de Fortaleza. Os programas, destinados aos moradores, abordam temas relacionados à saúde. A proposta desse texto é fazer uma análise preliminar desses programas, e assim buscar compreender os modos de produção, as temáticas escolhidas e a abordagem dos temas no programa *Momento Saúde*. O presente trabalho integra a pesquisa *A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Dendê: um estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia*.

Palavras-Chave: rádio, saúde, saber, comunidade

1. Introdução

Estima-se que hoje vivam mais de 20 mil³ pessoas em toda a extensão da comunidade do Dendê, localizada nas proximidades do bairro Edson Queiroz, em Fortaleza. A maioria das famílias que hoje mora no local chegou ao bairro na década de 1970, após serem removidas das favelas Verdes Mares, Dom Luiz, Cervejaria Brahma, Cidade 2000, Hospital Geral de Fortaleza e Praia do Meireles.⁴

Nos últimos anos, a densidade populacional vem aumentando, a despeito da total ausência de condições básicas de instalação. Muitas das famílias que vivem no local o fazem em condições precárias, em casas ou barracos sem água encanada e/ou esgotamento sanitário, para mencionar apenas a situação do ponto de vista da infraestrutura.⁵

A ausência de condições mínimas de sobrevivência não constitui exceção do Dendê, visto que essa situação se reproduz por todo o País e é reveladora, não só do descaso das autoridades constituídas no que se refere à insuficiência de políticas

¹ Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, no V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista. Aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza. Bolsista da Fundação Cearense de Amparo a Pesquisa – FUNCAP. E-mail: andreapinheiro@fortalnet.com.br

³ Dados do Censo Demográfico do IBGE/2000 indicam que vivem no bairro Edson Queiroz 20.291 pessoas, das quais 9.590 são homens e 10.701 são mulheres.

⁴ Pesquisa: O Adolescente do Dendê – comunidade, comportamento e sexualidade. Unifor, 1992

4. IBGE, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, 2000

públicas, mas principalmente como representante do modelo econômico neoliberal excludente que aumenta as desigualdades sociais.

O Dendê é um bairro com graves problemas estruturais e onde habitam famílias de baixa renda, muitas em condições miseráveis. É um espaço permeado de contradições, visto que está localizado nas proximidades de uma das áreas nobres residenciais que mais crescem em Fortaleza.

As famílias que passaram a constituir o bairro ao longo desses anos tiveram suas vidas deslocadas de várias outras favelas, como já citado. Essas famílias foram “desterritorializadas” não apenas do seu espaço físico de morada. “Esse sentido de lugar básico e integrativo veio a ser fragmentado em partes complexas, contraditórias e desorientadoras” (SACK apud GIDDENS, 1991, p.119).

Nesse sentido é preciso compreender esse lugar não apenas como um espaço de morada, mas como um ambiente onde se constroem relações, se estabelecem laços e vínculos e, em consequência, se produzem novas subjetividades.

A discussão sobre identidade é pertinente e a intenção de incorporá-la se dá para melhor compreensão do que é a comunidade, com seus sujeitos e, neste sentido, recorro à referência de Stuart Hall, para quem o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa ou permanente.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes períodos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. (...) A noção de identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais. (HALL, 2000:13)

Essa compreensão de identidade como algo móvel e portanto passível de relações, aproxima a identidade a algo factual, presente, alimentado pelo conjunto de relações vividas pelos sujeitos.

A Universidade de Fortaleza desenvolve um conjunto de atividades no Dendê⁶, por meio da Escola Yolanda Queiroz, que atende as crianças do bairro, seja por intermédio do Núcleo de Atenção Médica Integrada, que mantém um conjunto de profissionais de saúde atuando junto à população do bairro ou ainda do Centro de Formação Profissional, montado na comunidade e que oferece cursos técnicos e profissionalizantes, nas áreas de instalações elétricas, cuidados infantis, consertos de eletrodomésticos, formação de bombeiro hidráulico e em informática.

⁶ Informação disponível no site www.unifor.br. 15/05/2005

Há ainda a atuação de outros grupos no bairro, tais como a Associação de Moradores, igrejas e o Instituto Florestan Fernandes, ONG que desenvolve projetos de sócio-economia solidária.

A opção por realizar a pesquisa a partir do ambiente da rádio acontece ainda porque me interessa investigar os processos de comunicação comunitária desenvolvidos no Dendê. Ao tomar conhecimento do programa *Momento Saúde*, produção de um grupo de estudantes da UNIFOR e, portanto, de fora da comunidade, fiquei motivada a tentar compreender como ocorre o encontro de saberes sobre saúde entre a comunidade e os acadêmicos, a partir da mediação da rádio comunitária.

2. A Rádio Comunitária

O olhar esquadrinha tudo. O céu azul, casas, pessoas, ruas, becos, postes...Em alguns postes caixas de zinco emolduram alto-falantes que transmitem as músicas do momento, o som parece não incomodar, se incorpora àquela trilha sonora do cotidiano do Dendê.

Mais um pouco e se chega à rua Otávio Rocha, número 327, onde a pintura na fachada da casa de dois andares anuncia que ali é a sede da Rádio Comunitária Edson Queiroz. A escada íngreme leva ao estúdio da emissora, uma sala pequena, sem janela, abriga os equipamentos: um tape-deck, um toca CD, um computador, dois microfones, um amplificador, alguns poucos CDs, uma pilha de jornais velhos também se acomoda no ambiente: já foram úteis dias atrás. Um pequeno ventilador refresca os equipamentos.

É do estúdio da Rádio Comunitária Edson Queiroz, que às terças-feiras, é apresentado o programa *Momento Saúde*, programa produzido pelas estudantes de Enfermagem da Universidade de Fortaleza e que será comentado posteriormente.

A Rádio Comunitária Edson Queiroz foi fundada em 1994 pelos irmãos Leandro Ribeiro e João Almeida, moradores do bairro. Eles organizavam festas na comunidade e nas imediações e motivados pela experiência do Conjunto Alvorada, conjunto habitacional que passou a designar o bairro e que fica nas proximidades, resolveram instalar uma rádio de alto-falantes no Dendê. A emissora nunca teve finalidade lucrativa, asseguram os fundadores. O objetivo, segundo eles, é servir à comunidade, mediante veiculação de músicas, informações e prestação de serviços.

A Rádio, constitui-se em uma experiência de emissora comunitária cuja veiculação não se dá através de transmissão de ondas eletromagnéticas, mas de caixinhas de som, afixadas em alguns postes da comunidade. Apesar dos organizadores estimarem que a disposição das caixas atinja cerca de 70% da comunidade, é fato que esse tipo de transmissão considerado ainda vertical e impositivo, posto que não oferece ao ouvinte a possibilidade de desligar ou mesmo mudar de emissora, cobre uma parte restrita do bairro e se concentra, naturalmente, nos locais onde estão afixadas as caixas de som.

A organização de um grupo ou de uma comunidade em torno de um projeto de comunicação não é por si definidora do modelo de rádio que virá a ser adotado. Para José Ignacio Lopez Vigil, o que define uma rádio comunitária será sua forma de atuação para democratizar a palavra “que está concentrada em poucas bocas e em pouquíssimas mãos para que nossa sociedade seja mais democrática”. (VIGIL apud COGO,1998:75)

A Rádio Comunitária Edson Queiroz funciona de segunda-feira a sábado, em horários alternados durante a manhã, a tarde e a noite. Pela manhã, de 8h às 12h, é apresentado o *Intercâmbio*, programa predominantemente musical, mas que também abre espaço para divulgar de informação, como ofertas de emprego, horóscopo, matérias jornalísticas. Durante o *Intercâmbio*, às terças-feiras, é apresentado o *Momento Saúde*, programa produzido e apresentado por estudantes do Curso de Enfermagem e cuja análise será apresentada mais adiante. A partir do semestre 2005.1, o programa também está sendo apresentado às terças-feiras, às 16h.

A Rádio Edson Queiroz faz uma pausa para o intervalo no horário do almoço e só retoma as atividades às 16h, quando é apresentado o programa *Pôr-do-Sol*. Das 18h às 19h, entra no ar *Palavra que liberta*, produção de uma igreja evangélica do bairro e a programação se encerra às 21h, com *Comunitária no Esporte*, programa veiculado às segundas e sextas-feiras. De terça a quinta, das 19h às 21h, é apresentado *Fm só sucesso*.

Aos sábados a programação se modifica. Pela manhã vai ao ar o programa *Som na caixa*, à tarde, às 16h, *Por do Sol* e das 19h às 21h, *Som da Periferia*. Aos domingos, a emissora só funciona no horário da noite, das 19h às 21h, com o programa de reggae *Sinal Verde*.

É curioso perceber, depois de algum tempo de observação, que a Rádio Edson Queiroz funciona prioritariamente como um lugar de entretenimento, não há envolvimento com as questões mais específicas da comunidade e não se percebe na

emissora um espaço de diálogo, como se pressupõe uma experiência de comunicação comunitária.

A despeito de funcionar todos os dias e em vários horários, a programação privilegia a veiculação de músicas da “moda”, tal qual o fazem as grandes emissoras comerciais, a maioria dos programas não trata das questões relacionadas à comunidade, com exceção da programação esportiva, cuja ênfase está em focar os campeonatos de futebol disputados no bairro.

Questões como a segurança no bairro, o desemprego, o problema de abastecimento de água, passam como despercebidos da programação de uma maneira geral. São observações que nos levam a seguinte questão: o que difere, então, a proposta da Rádio Edson Queiroz, das emissoras comerciais, além do propósito dos programadores (ou da interpretação que fazem com relação ao que veiculam) ?

As respostas aqui apresentadas não são definitivas, resultam da observação da emissora e sua relação com os vários segmentos do bairro. Primeiro, é necessário considerar o tipo de transmissão adotado pela emissora. A opção pelo sistema de caixinhas de som implica uma tecnologia de baixo custo, mas não garante, por outro lado, que a programação da emissora esteja sendo amplamente acompanhada pelos moradores.

A estrutura da programação quase não favorece o diálogo com a comunidade, restando assim poucos espaços para participação. Além da programação musical não diferir em quase nada de uma emissora comercial, o estilo de locução adotado também não parece estabelecer uma identidade com o modo de falar das pessoas da comunidade. Há um tom de impostação na voz dos locutores, especialmente no programa *Intercâmbio* e nos comerciais veiculados pela emissora. Aliás, os comerciais merecem algumas considerações que contribuam para a compreensão de escala nas relações internas no Dendê e fora dele.

A definição de rádio comunitária passa pela compreensão de que ela não tem finalidade lucrativa e a legislação que regulamenta o serviço de rádios de baixa potência, o que não é o caso do Dendê, visto que ela não transmite através de ondas eletromagnéticas, exige que não sejam veiculados comerciais, mas apoios culturais, que se diferenciam pelo fato de que nos apoios culturais, não aparecem os produtos, mas a assinatura institucional do patrocinador. Já os comerciais são mais explícitos, anunciam o produto, o preço e as ofertas, por exemplo.

A Rádio Comunitária Edson Queiroz tem vários anunciantes do bairro que desembolsam mensalmente cerca de R\$30,00 (Trinta reais) por mais de dez chamadas diárias sem duração predeterminadas, bem diferente da lógica das rádios comerciais, que definem os comerciais pela duração: 15”, 30”, 45” e 60” e cujo valor está relacionado com o tempo de duração da chamada. Há uma variedade de preços muito grande na grade das emissoras comerciais, visto que a definição do valor a ser cobrado tem relação com a posição da emissora nas pesquisas do Ibope.

O valor arrecadado com a venda de anúncios é revertido para a manutenção da rádio, tais como gastos com energia elétrica, aquisição de CDs e com o sistema de cabeamento que garante a transmissão do som do estúdio da emissora para as caixinhas de som.

A observação que vem sendo feita sobre a rádio, desde agosto de 2004, permite a compreensão de que a emissora não assume o caráter de ser “a voz da comunidade”, papel que muitas outras emissoras comunitárias buscam conquistar. Um exemplo significativo nas experiências de radiodifusão comunitária é o da Rádio Educativa Favela FM, emissora situada no Aglomerado da Serra, um dos maiores conjuntos de favelas, de Belo Horizonte. (França e Simões, 2002:226)

A emissora que já serviu de inspiração para o filme “Uma Onda no Ar”, se apresenta como “a voz do morro, “a voz da comunidade”, como definem França e Simões:

“Ela se propõe, assim, a ser um lugar de fala para os grupos de baixa renda, situados fora dos circuitos oficiais da comunicação midiática. Ela assume um papel de representante dos interesses dos excluídos, pois “todo mundo que é excluído tem a ver com a Rádio Favela”. Ao assumir esse lugar de representação dos excluídos, a rádio também se propõe a ser uma liderança na conscientização da comunidade em relação a seus direitos como cidadãos, ao uso e tráfico de drogas, à violência e aos problemas enfrentados pela periferia.” (França e Simões, 2002:227)

Não se tem a pretensão aqui de comparar realidades cultural e geograficamente tão distantes, mas que guardam grandes semelhanças sociais entre si, mas sim mencionar a ausência, no caso da Rádio Comunitária Edson Queiroz, de um papel político no âmbito da comunidade. Não há de forma explícita, o compromisso de provocar nos ouvintes uma reflexão sobre sua condição de moradores de um lugar com tantos problemas. A Rádio Edson Queiroz também não participa da mobilização que envolve várias emissoras comunitárias na luta pela democracia na comunicação ou

mesmo da articulação que reúne as rádios comunitárias cearenses. Ela parece alheia ao que acontece fora dos seus estúdios.

3. O Programa Momento Saúde

O programa *Momento Saúde* é apresentado às terças-feiras em duas edições, uma às 10h e outra às 16h, tem duração de 10 minutos e é uma produção das estudantes de Enfermagem da Universidade de Fortaleza, sob a supervisão da professora Miriam Calíope.

A idéia do programa surgiu em 2002 e partiu da mencionada docente, que acompanha as visitas domiciliares realizadas pelo Curso e pelo Núcleo de Atenção Médica Integrada, NAMI junto às famílias do Dendê e teve a iniciativa de buscar um espaço na emissora como reforço para as ações desenvolvidas nas visitas.

Os temas são decididos pela equipe de produção que, muitas vezes, leva em conta assuntos que precisam ser mais bem trabalhados na comunidade. Cada equipe, formada por quatro a cinco estudantes, tem o compromisso de preparar e apresentar quatro programas, já que há um rodízio entre os alunos da disciplina Estágio I e o objetivo da professora é que todos passem pela experiência. “Muitas dessas alunas vão trabalhar no interior, nos Programas de Saúde da Família, então insisto que é importante ter um contato com o rádio para que elas possam estar preparadas para o que vão enfrentar como profissionais”, argumenta a professora Miriam Calíope.⁷

O *Momento Saúde* tem caráter informativo, embora não possa ser definido como um programa de notícias sobre saúde. A abordagem dos temas é feita a partir do radioteatro, gênero caracterizado pela introdução das mensagens consideradas necessárias na manifestação dos personagens.

Uma história pode oferecer a estrutura para a compreensão – ou pelo menos para a interpretação – dos eventos da vida. Em geral funciona como um espelho em que podemos ver a nós mesmos – nossas ações, motivos e defeitos.(MCLEISH, 2001:179)

O programa, no entanto, não tem personagens fixos ou estrutura narrativa permanente. Dependendo da equipe de produção, a trama pode ser seqüenciada e as personagens aparecerem mais de uma vez.

⁷ Entrevista realizada com a professora Miriam Calíope, no dia 05/11/04, na Rádio Comunitária Edson Queiroz

As histórias apresentadas são curtas e, ao final, apresenta-se um conjunto de informações sobre a temática abordada, uma espécie de síntese que assume certo ar de “moral da história”, muito comum nas fábulas infantis.

4. **Análise dos programas**

É necessário esclarecer que esta análise constitui o primeiro exercício de aproximação com a comunidade e com a Rádio Edson Queiroz, com vistas ao desenvolvimento do projeto de pesquisa *A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Dendê: um estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia*, citado anteriormente. Portanto, trata-se de análise ainda de caráter mais geral sobre os programas e sobre os modos pelos quais eles são produzidos e recebidos pela comunidade.

Os quatro programas escolhidos para esta análise foram veiculados durante o mês de setembro e a primeira semana de outubro de 2004 e abordaram temas como amamentação (dois deles), violência doméstica e higiene dos alimentos.

O que se observa nos programas mencionados é que as questões da saúde são tratadas como um conhecimento quase que exclusivo de profissionais da área. O discurso recorrente é de que as pessoas precisam ir ao Núcleo de Atenção Médica Integrada, NAMI, que pertence à Universidade de Fortaleza e atende ao bairro.

No programa veiculado no dia 14 de setembro/2004, o assunto abordado foi a amamentação e como proceder quando o bebê está com diarreia. A ação se passa na casa de uma suposta moradora da comunidade, identificada como Scarlet, que conversa com sua vizinha Margarete sobre o fato de o filho estar com diarreia há uma semana e ela não saber o que fazer. A vizinha então sugere que Scarlet dê chá de folha de goiabeira e procure uma rezadeira para benzer a criança. No momento em que Margarete dá essas sugestões à amiga, a mãe dela (que não aparece identificada pelo nome) se opõe às dicas e recomenda que Scarlet procure o NAMI, “leve esse menino para as doutoras”, sugere. Não há contraposição à sugestão, e Scarlet então procura a doutora que a orienta a permanecer amamentando o bebê, Kevin, mesmo com diarreia. A fala da doutora também se apresenta como afirmação de um conhecimento diferenciado, distante, insubstituível e inacessível, ao perguntar, na fase inicial do atendimento: “Você sabe o que é puericultura ?” e, ao responder, Scarlet gagueja, engasga-se, titubeia, ao indagar “pue, o quê ?” indicando que não sabia do que se tratava.

Pelo discurso apresentado no programa, o saber popular aparece claramente como inferior e inoportuno. A afirmação do conhecimento técnico-científico se faz em detrimento do saber popular. E mais: há uma reiterada necessidade de reforçar a noção de que os cuidados com a saúde e as informações sobre esse assunto são restritos a uma determinada classe de pessoas que passou pela escola e depois pela universidade e que, por isso, está habilitada a indicar tal procedimento. Chama a atenção ainda, o fato de os nomes das personagens que representam as pessoas da comunidade serem em inglês.

Esse contexto pode ser analisado à luz do pensamento foucaultiano, ao definir biopoder como um conjunto de estratégias cuja finalidade é obter a sujeição dos corpos e o controle da população (1988). Neste caso, a medicina popular é fragilizada e desconsiderada pela verdade da ciência formal. O filósofo francês destaca que esse “poder de gerir a vida” se dá por volta da metade do século XVIII, e atua em dois pólos: no corpo como máquina, como força produtiva e no “corpo-espécie”, como suporte para a proliferação da espécie.

Este bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos da população nos processos econômicos (FOUCAULT, 1988:132).

Em outro radioteatro, Maria, uma moradora do Dendê, vai à casa de uma vizinha pedir uma xícara de açúcar emprestado e, ao chegar lá, se depara com uma série de ações nitidamente anti-higiênicas, como sair do banheiro sem lavar as mãos, louça suja na pia, bebê usando roupas sujas. Ao se deparar com tal situação, Maria recrimina a atitude da vizinha, chamando-a de suja. Para se defender, a outra argumenta que não há água encanada em casa, ao que Maria retruca: “Você é muito preguiçosa, sabe que pode pegar água lá em casa, que tem à vontade e nem vem a conta, tá assim porque gosta de sujeira”.

A ausência de água encanada poderia ser excelente enunciado para se discutir a situação e as consequências dessa carência básica na vida da população, especialmente a saúde das crianças, avaliando a realidade do bairro e apontando algumas possibilidades de resolução do problema, que não é exclusivo da vizinha de Maria, mas ocorre com a maioria da comunidade.

A opção por tratar o problema de forma particular e discriminatória é reveladora da concepção, por parte das estudantes de enfermagem, dos hábitos e modos de vida das

classes populares, emitindo muitas vezes juízos de valor sobre a maneira de viver da comunidade do Dendê.

Há de se considerar que o fato do rádio interagir nas questões de saúde não carrega em si inovações. Vários são os casos de programas radiofônicos que abordam conteúdos sobre a saúde. O que se pretende é refletir sobre o programa *Momento Saúde*, como se efetua essa troca de informações no rádio, encarado aqui como um processo educativo não formal, entre estudantes de enfermagem e a população. Naturalmente é preciso pensar o processo educativo sob a égide do diálogo com a cultura e portanto com os saberes do grupo.

Sobre essas questões, recorreremos mais uma vez ao pensamento de Michel Foucault. Em *Microfísica do Poder*, o autor aborda a maneira como ao longo do século XVIII a relação entre a Medicina e o Estado foi construída à medida que o sistema capitalista se consolida na Europa. Ele parte do princípio de que, com o capitalismo, não aconteceu a mudança de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas aconteceu justamente o contrário.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política (FOUCAULT, 1979:80).

O Pensador francês percorre um longo caminho na história da Medicina, desde o início do século XVIII, quando se começa a desenvolver a Medicina de Estado na Alemanha. Depois, com a normalização desse saber em academias e com o advento da urbanização nas cidades européias, surgiu o conceito de Medicina urbana, relacionado com as condições do ambiente, do ar, da água e da vida (Foucault, 1979)

A institucionalização do hospital como espaço de cura aconteceu ainda no século XVIII, quando o médico passou a ser o responsável pela organização hospitalar. Até então o hospital era um lugar organizado por instituições de caridade e consistia muito mais em um meio de separar os indivíduos doentes da convivência com o restante da população, do que em um local onde vidas poderiam ser salvas.

A partir desse momento, o “cuidar” assumiu o sentido de conservação e manutenção da força de trabalho e a família se tornou o agente mais constante da *medicalização*.

A política médica, que se delineia no século XVIII em todos os países da Europa, tem como reflexo a organização da família,

ou melhor do complexo família-filhos, como instância primeira e imediata da medicalização dos indivíduos; fizeram-na desempenhar o papel de articulação dos objetivos gerais relativos à boa saúde do corpo social com o desejo ou a necessidade de cuidados dos indivíduos (FOUCAULT, 1979:200)

Mas esse espaço destinado à família é transitório, já que a medicina se assume como instância de controle social e o médico passa a ser uma autoridade, o grande conselheiro e o grande perito. (Foucault,1979)

No Brasil-Império, segundo Jurandir Freire Costa, a saúde estava circunscrita à prática dos higienistas que conseguiram relacionar a saúde da população à saúde do Estado e assim conseguiram se estabelecer como um poder.

Uma das estratégias tomou a família como referência, que sempre fora considerada um dos fortes obstáculos à consolidação do Estado brasileiro.

A medicina reconsiderou a estratégia colonial de combate à família depurando-a de seus equívocos. (...) Os componentes do poder familiar são então submetidos à nova avaliação e classificação. Em seguida, são criadas técnicas de persuasão e manobras de ataque. Ao conjunto deste dispositivo a medicina social dará o nome de higiene familiar. (...) Nesta ação transformadora, componentes de antigos dispositivos de controle, como a militarização e a pedagogia jesuíta, serão reaproveitados e orientados para novos fins. (...) A ordem médica vai produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado, da pátria.(COSTA, 1989:31-48)

O Programa *Momento Saúde* se constitui um espaço para difusão de informações sobre saúde, destinado à comunidade do Dendê, sem, no entanto, possibilitar a troca de saberes e conhecimentos entre os produtores e os ouvintes. A estrutura do programa não percebe o receptor como um agente ativo no processo de comunicação, mas, pelo que se percebeu ao longo da análise, como um ser passivo diante das informações que recebe. Tal concepção vai na contramão dos estudos atuais da área da comunicação e que pensam o receptor como um sujeito construído no e pelo processo de comunicação.

Essa concepção do ouvinte como “um vazio” a ser preenchido, já amplamente discutida antes, também está respaldada pelo modelo de “educação bancária”, conceito concebido por Paulo Freire. Pensar os ouvintes como pessoas sem condições de dialogar sobre as questões de saúde que lhe dizem respeito diretamente é pressupor que não há um conhecimento construído ali a partir da vivência dessas pessoas, é pressupor ainda

que as apresentadoras do programa, portanto o saber constituído, é que é capaz de definir “a pauta” das questões mais importantes a serem abordadas nos programas.

O modelo adotado pelas estudantes de enfermagem no *Momento Saúde*, em que pese a boa intenção de usar a estratégia do radioteatro para o tratamento das questões, está ancorado no método que Paulo Freire conceituou como sendo extensionista, a mera extensão de conhecimentos técnicos, conceito que ele produz no livro *Extensão ou Comunicação ?*, a partir da sua experiência com camponeses chilenos. Para Freire, “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (1982:69).

Observa-se, nesse primeiro contato com o programa, que os ouvintes estão ausentes da construção da informação. E é justamente essa ausência que merece ser destacada. Pelas considerações feitas, é impossível se pensar um processo dialógico de comunicação que não leve em conta o papel político do receptor, como alerta Barbero.

Não é forçoso afirmar que tal silenciamento ainda revela outra dimensão do fato: a fala autorizada sobre saúde ainda está restrita a quem detém o conhecimento formal, ou expresso de outro modo, o saber popular sobre saúde, no caso do programa analisado, não é reconhecido. Daí não ser percebida como importante a presença de outras vozes, de outros sujeitos no *Momento Saúde*.

Paulo Freire já discorreu sobre o que chamou de “cultura do silêncio”, que segundo ele, seria explicado a partir da nossa gênese como povo explorado.

“O mutismo é característico de sociedades a que se negam a comunicação e o diálogo e, em seu lugar, se lhes oferecem “comunicados”. Ele insiste que essas sociedades se tornam preponderantemente “mudas” e diz ainda que o mutismo não significa ausência de resposta, mas sim uma resposta que carece de criticidade”. (Lima, 1981:86)

Os estudos da análise de discurso, por sua vez, consideram o silêncio não como mero complemento da linguagem, mas com significação própria. Eni Orlandi atribui ao silêncio uma dimensão política, que seria o silenciamento.

Aí entra toda a questão do “tomar” a palavra, “tirar” a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc. Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto comoparte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um campo fértil para ser observado: na relação entre índios e brancos, na fala sobre a reforma agrária, nos discursos sobre a mulher, só para citar alguns terrenos já explorados por mim.” (Orlandi, 1993:31)

Pelas características do veículo rádio e do rádio comunitário em particular, era de se esperar que o programa atuasse como um espaço de mediação entre o saber popular e o saber científico, onde a pluralidade de vozes manifestasse o sentido do diálogo e do encontro.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, J.T. (org) Pesquisa O Adolescente do Dendê – comunidade, comportamento e sexualidade. Fortaleza: UNIFOR, 1992
Brasiliense, 1995
- BARBERO, Jesus-Martin. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (org) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995
- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997
- COGO, Denise Maria. *No ar...uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989)
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. *Discurso de Identidade, Discurso de Alteridade: A fala do outro*. IN: *Imagens do Brasil – Modos de Ver, modos de conviver*. GUIMARÃES, César. VAZ, Paulo Bernardo. SILVA, Regina Helena. FRANÇA, Vera (orgs). Belo Horizonte: Autêntica, 2002
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983
- _____. *Extensão ou Comunicação?* 6ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979
- _____. *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000
- IBGE, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, 2001
- _____. Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, 2000
- _____. Pesquisa sobre Indicadores Sociais Mínimos, 1999
- LIMA, Nonato e PINHEIRO, Andréa. *Rádio e desenvolvimento infantil: Análise de estratégias de comunicação e educação para a cidadania*. Anais do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2003.
- NAMI/UNIFOR. Dados coletados pelo NAMI, 2002
- MCLEISH, Robert. *Produção de Rádio – Um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio – No Movimento dos Sentidos*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993
- VASCONCELOS, Eymard Mourão. *Educação Popular e a Atenção à Saúde da Família*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Educação Popular nos serviços de saúde*. São Paulo: Hucitec, 1988
- VASCONCELOS, José Gerardo e MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano Magalhães (Orgs). *Um Dispositivo Chamado Foucault*. Fortaleza: LCR, 2002.